

UMA INCURSÃO NO SERTÃO POR MEIO DA PAISAGEM E DAS PESSOAS

*Izadora P. ACYPRESTE

Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, São Paulo, Brasil. *iza_acypreste@hotmail.com



CHAVES, E. **Cuestas e Chapadas**: sertão. 1º Ed. Teresina: Edição da Autora, 2015. 160 p.

Como já anunciado no prefácio de *Cuestas e Chapadas: Sertão*, este é um livro que “nos conduz aos rincões dos sertões brasileiros, aqui simbolizados principalmente por sua gente e por uma vegetação” (JUNIOR, 2005 p. 9). É por meio de suas caminhadas em uma paisagem de vegetação caducifólia, conhecida regionalmente como carrasco, que Edna Chaves nos apresenta o modo como os habitantes destes lugares se relacionam com o ambiente e todos os outros viventes que o compõem. As cuestas e chapadas do Planalto da Ibiapaba, atravessadas pela pesquisadora durante o seu trabalho de campo, são as categorias que dão nome ao livro, fruto de suas pesquisas realizadas ao longo de aproximadamente quinze anos na região, especificamente nos municípios piauienses de Buriti dos Montes e Cocal, localizados na divisa com o Estado do Ceará. Além da sua observação sensível sobre o modo de falar, as histórias, o conhecimento e a relação das pessoas com o ambiente, a formação interdisciplinar da autora nas áreas de Etnobotânica, Etnonutrição e Etnogastronomia lhe permitiu olhar para a vegetação se atentando para o modo como ela está intrinsecamente ligada à diversos aspectos da vida das pessoas que vivem nesse sertão.

O livro conta com uma apresentação, um prólogo e subdivide-se em dez capítulos. Entre estes, a autora reúne diversas narrativas e relatos de campo que colheu ao longo dos anos em que desenvolveu suas pesquisas. Quem espera encontrar tabelas de espécies botânicas, com seus nomes científicos e suas utilizações, não encontrará, pois, como argumenta a autora, não caberia neste livro revelar todos os relatos dos habitantes sobre as

plantas no carrasco. Em verdade, ousou dizer que este é um livro para ser, sobretudo, sentido. Como anuncia a própria autora:

“A paisagem seca desse sertão tem belezas ímpares que carecem de sensibilidade para serem vistas e interpretadas. Não são apenas matas secas, não são apenas bichos emagrecidos, são todas as particularidades de um ambiente único que aguarda ser apresentado ao mundo com honras de debutante.” (CHAVES, 2015, p. 35)

De todo modo, alguns debates de suma importância acadêmica aparecem com frequência e permitem ao leitor acompanhar os temas de interesse de pesquisa da autora, além de ser um relato de como conduzir um trabalho de campo em meio a uma população local que, assim como nós pesquisadores, possuem um extenso conhecimento sobre o ambiente em que vive.

A menção as comunidades visitadas aparecem nos capítulos um e dois (a chegada a Oiticica e as histórias contadas pelos moradores de lá), no capítulo quatro (sobre a visita à comunidade Bebedouro e à localidade Curral das Pedras), no capítulo cinco (descrição sobre as casas na localidade Itapecuru), no capítulo seis (apresentação do modo de construção das cercas de madeira na localidade Data Boíba), no capítulo sete (sobre a localidade Gado Bravo) e no capítulo oito (em que narra o conhecimento culinário na localidade Laje). Ainda que a autora tenha se demorado ao contar as histórias de algumas dessas comunidades, um leitor que não conhece a região sentirá falta de uma descrição mais aprofundada sobre elas, por exemplo, sobre a quantidade de habitantes, a distribuição das famílias pela localidade, a história ou mesmo um mapa que pudesse localizar os caminhos e paradas da pesquisadora na realização da pesquisa que resultou neste livro.

É interessante notar, entre outros aspectos, a existência de uma descrição da paisagem, aqui conhecida como carrasco, em seus períodos de seca e chuva. Edna Chaves visitou os mesmos lugares enquanto estavam secos e depois, quando estavam verdes e florados. No período de seca, como descrito no capítulo dois,

“(...) homens e mulheres labutam dia após dia, incansáveis em seus afazeres, seja em busca de alimentos e água, seja para amparar as cabras, os cavalos, o gado bovino e os demais animais que suplicam por ajuda, ou, ainda, a preparar a terra para o semeio, se por acaso as chuvas chegarem.” (CHAVES, 2015, p. 26)

Em meio a esta experiência, a autora explica que, quem chega desavisado nesse sertão não consegue compreender essa dinâmica e pode se perguntar: “Para que tanta labuta nesse solo árido e tórrido?” “Porque estas pessoas permanecem nesse lugar?” “Como resistem a tanta carência?” O que acontece é que, no carrasco, a esperança da chegada da chuva sempre existe. Em seu retorno ao Planalto da Ibiapaba, já no período das chuvas, a autora narra que encontrou os moradores em festa, pois a água da chuva enchera o rio e soltara os peixes que estavam presos nos poços. É quando a chuva chega, enchendo os rios, deixando as matas

verdes e trazendo fartura de alimentos para todos, que as perguntas levantadas acima são respondidas.

Ao apresentar a imensa riqueza nas formas de usos e apropriações da vegetação pelos viventes do lugar, a autora desconstrói a imagem que o Nordeste carrega enquanto uma região seca e pobre. Esta riqueza está em toda parte, dando um toque característico ao lugar, a começar pelo nome de uma das comunidades, chamada Oiticica, que se refere ao nome de uma árvore comum na região “cujos frutos foram largamente explorados para extração de óleo” (CHAVES, 2015, p. 19) e se destacam na paisagem por serem frondosas e darem boa sombra. Outra característica é que elas normalmente estão próximas aos cursos de água e de algumas residências antigas. Embora não tenha sido explorado no livro, essa característica poderia apontar para uma dinâmica territorial e espacial dos moradores e um modo de construção das casas muito interessante e, neste caso, ficamos com a curiosidade de saber se estas árvores são cultivadas pelos moradores após construírem suas casas ou, ao contrário, se a construção das casas é realizada próximas às grandes árvores, como a sucupira, o Juazeiro e o Pau D’óleo.

Não poderíamos deixar de dizer que o principal interesse de pesquisa da autora são as plantas, pois se trata de uma pesquisa em etnobotânica. Os dados referentes às plantas aparecem ao longo de quase todos os capítulos, com descrições sobre a variabilidade de árvores, arbustos, plantas e frutos. O modo como os viventes as utilizam são os mais diversos, podendo servir como remédio, para construção de cercas e porteiros, para alimentação dos bichos, para a culinária local ou mesmo para comercialização, como uma forma de obter renda. Além disso, algumas plantas podem ser perigosas, como é o caso da Sucupira, que segundo os moradores, “num segura cria”, sendo assim, perigosa para a gestação tanto das mulheres como das fêmeas animais. Nem mesmo a sombra desta árvore é utilizada pelos bichos. Em um dos depoimentos coletados pela autora, um dos moradores diz que “o mato era onde o caboclo se valia” (CHAVES, 2015, p. 63), sobretudo nos períodos de seca. O livro contém diversas narrativas sobre as variedades de plantas e frutos utilizadas pelos habitantes para manterem a si e os animais nos períodos difíceis de seca. Apesar das dificuldades decorrentes dos períodos de escassez de chuvas, os sertanejos do Planalto da Ibiapaba descrevem minuciosamente os sabores produzidos por esta terra por meio da culinária local. Entre as receitas mencionadas, sobretudo no capítulo oito, podemos citar a semberaba (feita de murici sem caroço com rapadura e farinha), o pão de milho, a tapioca de goma fresca, o beiju-coro-de-bode, o beiju de massa com coco, os bolos, as broinhas de goma pisada e o doce com erva-doce e coco. Os alimentos necessários para produzir estas receitas são extraídos tanto da roça como dos quintais e da mata.

O livro também apresenta descrições sobre as casas sertanejas, não se limitando apenas a discussão sobre a utilização das árvores e arbustos da mata para construção das cercas e porteiros (algo característico das casas nessa região), mas com observações atentas também sobre os materiais utilizados para a construção das casas e as árvores frutíferas presentes no quintal. Apesar de mencionar em determinada altura do texto que possui dados sobre a localização das plantas e árvores em relação às casas, a autora não apresenta no livro estes dados, que poderiam ser incluídos no livro através de croquis e consistiriam em uma forma interessante de mostrar a dinâmica dos moradores em torno das roças, pomares, hortas

e a mata. Estas dinâmicas revelariam o cotidiano dos moradores em relação à vegetação e seriam dados muito importantes e relevantes para um leitor interessado na temática.

Cuestas e Chapadas: Sertão é um livro que apresenta o carrasco na forma como é vivido pelas pessoas do lugar. Do modo como argumentou a própria Edna Chaves, por mais que os dados tenham sido coletados com o maior cuidado e atenção, sendo fotografados, grafados, anotados em diário de campo para depois serem compartilhados e confirmados com a população local, grande parte dos dados contidos no livro foram “submetidos à análise minuciosa dos sentidos” (CHAVES, 2015, p. 44) e são apresentados em descrições que parecem ser realmente fiéis ao modo como os camponeses do Planalto da Ibiapaba olham para o carrasco e se relacionam com ele. Ali, cada cor e odor são únicos. Desta maneira, para citar mais uma vez a autora, “entendemos cada vez mais que cabe ao pesquisador ser gente e saber enxergar a mata, os bichos e toda a gente com o olhar de lá” (CHAVES, 2015, p. 74). Conquanto nem sempre seja possível olhar com o mesmo olhar que nossos interlocutores de pesquisa, podemos nos deixar guiar pelos olhares de quem vive, experimenta e transforma cotidianamente essa paisagem.

REFERÊNCIAS

- CHAVES, E. **Cuestas e Chapadas**: sertão. 1º Ed. Teresina: Edição da Autora, 2015. 160 p.
JUNIOR, E. Prefácio. In: **Cuestas e Chapadas**: sertão. 1º Ed. Teresina: Edição da Autora, 2015. 160 p.